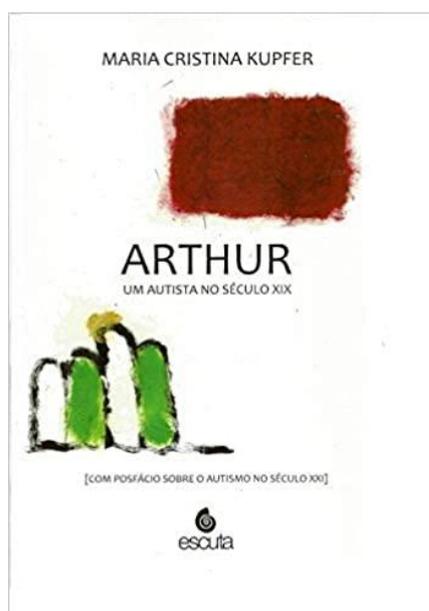


História de um autista que viveu no final do século XIX

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana Santos– Universidade de São Paulo | São Paulo | SP | Brasil | E-mail: dpestanda@usp.br | <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>

KUPFER, Maria Cristina. **Arthur um autista do século XIX**. São Paulo: Escuta, 2020. 268p.



<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2022v48id4806>

Copyright © 2022. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaional –



Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0

Esta resenha propõe expor como, em forma de romance, com apoio da psicanálise, sob o título: Arthur, um autista no século XIX, a autora expressa uma visão do autismo que se baseia também nas suas experiências profissionais. Escrito pela Professora do Instituto de Psicologia da USP, Maria Cristina Kupfer, que nos traz diante de inúmeras e inenarráveis obras de fortíssima relevância sobre o autismo na visão da psicanálise, a obra é protagonizada por Arthur, uma criança dita autista que mora em uma pequena vila chamada Laterre, na França.

Esta belíssima obra de Kupfer faz consonância com a díade teoria-prática, erudição-literatura, pois a essência desta obra é a apresentação de um outro modo de olhar sobre o autismo, justificado pela trajetória de pesquisadora com muitas interfaces do autismo na infância, através das contribuições teóricas psicanalíticas.

Escrevendo em toda a sua vida textos acadêmicos abordando o autismo por um viés científico, Kupfer sempre teve vontade de experimentar uma outra forma de transmissão, um outro jeito de falar para os não acadêmicos, como pais e cuidadores por exemplo, através de uma linguagem que não fosse dominante e clássica.

Ainda que de forma simples, usar a psicanálise mostrada nos entremeios da trama ao pensar o autismo por uma ordem não tecnicista ou clássica de mais, ainda que de forma não acadêmica, constitui um dos marcos da obra. Propor esta obra a partir do século XIX, se dá por forte vontade de “registrar a presença do autismo há mais tempo do que se supõe existir” (KUPFER, 2020, p. 251). Ao escrever este romance, Kupfer (2020) foi movida por um desejo de reparação com os modos em que a ciência apresenta o autismo. Nas suas palavras:

Foram muitas as crianças ditas autistas fechadas que vi em minha vida profissional, mas não foram muitas as que vi retomarem o desenvolvimento rumo a uma vida no interior da comunidade dos homens e mulheres de nosso tempo (KUPLER, 2020, p. 247).

“Tive então vontade de recriá-las na ficção, já que não pude ajudar seus pais a reinventá-las” (KUPFER, 2020, p. 247).

Para imaginar Arthur, fiz um amálgama de tudo que vi, das intervenções bem e malsucedidas que fiz ou vi fazerem, dos traços, peculiaridades, das manifestações subjetivas que tive a alegria de presenciar. E dei a ele um destino de escritor, que sonhei para muitos. Precisava, para justificar seus atos e transformações, de uma teoria norteadora. Mas não queria engessar minha ficção com ela, estava decidida a falar sobre minhas ideias de modo livre. Ela reforça ainda que “A literatura transmite mais do que a linguagem científica, porque usa mais nossa própria linguagem (KUPFER, 2020, p. 247).

Arthur, criança autista, onde na terminologia da época eram chamadas de “idiota” ou “filho do diabo”. A compreensão de um ser que não fala, que parece não ouvir, aparentemente ausente, que se ilumina quando ouve *Dois Arabescos*, de Claude Debussy, ou quando folheia livros contemplando suas gravuras e letras.

O personagem apresentado na primeira parte, relatado por uma analista, esse Arthur dos primeiros 10 anos apresenta bastante relação a fragmentos de muitos casos que a autora atendeu, onde Kupfer pondera que este personagem não é um caso escolhido, mas que se relaciona com muitos casos em sua trajetória.

Um questionamento importante sobre as personagens Marguerite e Charlotte, é será que foram inspiradas em alguém? A obra não faz menção relacional delas, entretanto pensar as mulheres do século 19 foi um ponto de enlace para a travessia de escrita com Arthur para essa bela elaboração

que envolve o inconsciente com intenção de elaborar, traduzir retraduzir e (re)historizar a escrita do romance com apoio da psicanálise.

Nestas condições, a autora dedica nesse momento a explorar romance a partir da narrativa poética evidenciando sem dúvida, uma visão mais sensível no tratamento do tema transtorno do espectro autista no século 19, o autismo era crescente e podemos ver esse aumento na contemporaneidade.

Ilustrar Arthur no século 19 e em uma comunidade na França é uma tentativa de oferecer um recuo no tempo e no espaço ao leitor para que ele possa pensar o autismo dentro de um espaço temporal complexo. O tempo e a distância como o século 19 nos mostra o quanto é importante frisar sobre os avanços sobre o autismo e o diálogo com os profissionais atuantes multidisciplinaridade.

É inegável que a psicanálise deve se fortalecer nos cursos de psicologia e pedagogia. É possível ver a psicanálise de algum modo deixando as matrizes curriculares de muitos cursos no Brasil. Agrava-se ainda em universidades confessionais quando Freud é abolido por ter uma leitura da abordagem sexual, dentre outros temas ditos como aceitável e subjetiva onde as instituições religiosas fazem exclusão da psicanálise. Freud é atravessado pelo pensamento ideológico advindo de outras abordagens e a psicanálise acaba sendo extinta ou tratada como sem importância.

Na obra, o que acontece com Arthur não se relaciona com os maus tratos, infanticídio já existente no mundo, mas no começo da trama o autista não tem nada relacionado com isso, e a mãe não tem culpa do que Arthur estava vivendo. É importante dizer às mães, de um modo romaneado e leve, apostando no romance e na psicanálise, como um modo de mostrar o

autismo por um campo de "não embate" ideológico. A ideia é não entrar em uma grande briga, em confrontos de onde pode se extrair aspectos negativos sobre o autismo. Um ponto que se pondera nesta discussão, a partir da educabilidade, é importante que se faça emergir aqui a ideia de pensar o imaginário, o simbólico e o real e não pensar em uma casualidade mecânica.

No livro, a personagem, que não é a mãe, recolhe Arthur em sua casa e se coloca à disposição supervisionada por um religioso chamado Monsenhor Olivier, que era dotado de conhecimento e que tem uma ampla concepção de linguagem, a dos árabes, e da posição do sujeito próxima a de Lacan. Ele traz do mundo árabe uma compreensão do que está acontecendo com Arthur, a estruturação da linguagem não sendo nada fixa parte-se ali uma possibilidade de se assistir Arthur.

Arthur é um personagem complexo, interessado pela literatura e durante o trajeto de sua constituição como sujeito, ele começa a fazer muitos registros em seu diário. Na segunda parte do livro, a autora pensa o personagem relacionando-o, como na atualidade, aos autistas de auto rendimento que escrevem, que gostam da beleza, do contemplar, um estilo literário, que leem muito...

Na estrutura constitutiva de Arthur como sujeito para que ele possa minimamente dizer-se, ainda que ele prossiga sendo autista, a partir obra, ele começou a escrever como faz na segunda parte da trama. Arthur começa a escrever coisas belas e ele chega a se aproximar de um senso estético, algo enigmático para uma pessoa com suas características.

De modo elementar encontra-se pontos importantes para o atravessamento da história:

Medo – neste eixo relacionado com o texto de Yves Burnod da coletânea Luzes da Clínica, Marguerite se enlaça com a imutabilidade da criança autista relacionando com os escritos de Kanner, a psicanálise vem explicar a imutabilidade para a criança que precisa viver em um mundo rigorosamente ordenado, rígido. Lógica que os autistas não concebem, a rigidez normalizada por tudo.

Marcas – aqui a obra expõe uma forma de entender a constituição psíquica vista como útil para saber o que acontece com uma criança dita autista. A autora pondera que a psicanálise acumulou conhecimento sobre essa construção, e se quisermos ajudar uma criança autista ou não em contato com o outro, será necessário se debruçar sobre o modo como essas relações com o autista se constroem e operam sobre ela.

A dor dos outros – essa ideia vem mostrar que o estágio de espelho está se instalado na trama, no caso de Arthur não se instalou por completo, mas foi suficiente para fazê-lo seguir adiante até o momento de iniciar a sua pulsão por escrever.

Um autista no século 19 veio para chamar pais, educadores, professores, cuidadores que estão em outro polo de pensamento, que por exemplo, não conversem com a psicanálise, pois os pais através da psicanálise podem ver um outro modo de pensar o autista e podem de algum modo compreender algumas variáveis do Tea, uma transmissão também para estudantes de psicologia que se veem em outras vertentes como a cognitivo comportamental, ou seja, outros modos de pensar, não como numa roda de conversa, mas como possibilidades dessa travessia teórico-prática.

Quando Kupfer escreve esta transmissão a partir do tripé psicanalítico, se dá conta que o romance tem um ritmo de sessões de análise mesmo que

não tenha sido esta a ideia, sem querer ela reproduziu a estrutura de análise em psicanálise. Outro ponto destacável é o sujeito, que se coloca em primeira pessoa. Quando Arthur passa pela escola de Lambert, construída em 1900, a questão que está em jogo é a tolerância e a intolerância e se pensarmos no valor da escola como direção de educação como tratamento. Assim, para o autor educar é tratar, tratar é educar.

Trata-se de uma obra que ao falar do autismo através da vida, de modo talvez leve, propõe uma reflexão ativa sobre o assunto.